



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas

Ramalá-Cisjordânia, 17 de março de 2010

Excelentíssimo senhor presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, por intermédio de quem saúdo todas as autoridades palestinas,

Companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores no Brasil, em nome de quem eu cumprimento toda a delegação brasileira,

Minha companheira Marisa,

Meu caro governador Jaques Wagner,

Companheiros da imprensa brasileira, da imprensa palestina,

Meu caro amigo,

É uma forte emoção ser o primeiro presidente brasileiro a pisar solo palestino. No Brasil, quando pensamos em Ramalá, em Gaza, na Cisjordânia, evocamos um povo corajoso e destemido lutando por sua dignidade, sua liberdade e sua democracia. A autodeterminação da Palestina é uma causa próxima ao coração dos brasileiros.

O prestígio e legitimidade do presidente Abbas nos dão a segurança de que os destinos do seu povo estão em mãos firmes, experientes e confiáveis. O companheiro Abbas segue uma linhagem de homens e mulheres, como o saudoso Yasser Arafat, que nunca abandonaram sua visão e suas responsabilidades. Nunca abdicaram de seu compromisso com uma pátria livre, integrada soberanamente à comunidade de nações.

Senhor Presidente,



O Brasil está engajado em ajudar a tornar realidade esse sonho. Foi com essa determinação que abrimos um escritório de representação em Ramalá, em 2004.

Queremos ver constituído em um curto prazo um Estado palestino próspero, seguro e viável, sobretudo pela integridade do seu território.

Vim a Ramalá para dizer que nosso compromisso nunca foi tão forte. Vamos consolidar uma parceria avançada com a visita de Vossa Excelência a Salvador, em novembro de 2009 [2010].

Estamos traduzindo essa amizade em fatos e iniciativas concretas, em benefício da população palestina. O Brasil tem participado do movimento mundial para ajudar na recuperação de Gaza e de seu sofrido povo.

Nossa solidariedade também forja alianças e parcerias. O Fundo Ibas tem apoiado a Palestina. No auge dos ataques de 2009, determinei ao chanceler Amorim que viajasse ao Oriente Médio para apoiar os esforços por intermédio de cessar-fogo... por um imediato cessar-fogo.

Não vamos parar por aí. A autodeterminação do povo palestino exige projetos de longo prazo que pavimentem o caminho rumo ao desenvolvimento. Por isso, apoiamos o plano do primeiro-ministro Salam Fayyad para renovar a infraestrutura do país, modernizar a máquina pública e reduzir a dependência de ajuda internacional. São esses os atributos do Estado palestino que todos imaginamos.

Ontem, em Belém, me reuni com empresários palestinos e brasileiros que desejam fazer sua parte. Querem levar empregos, renda e tecnologia para a Palestina. A missão empresarial que me acompanha nesta visita vai discutir essas e outras oportunidades de investimento.

Assinamos acordo muito importante de cooperação técnica, intercâmbio, nossas experiências em cultura, educação, saúde, esporte e turismo.

Companheiro Abbas,

O Brasil aposta na capacidade de o Oriente Médio construir um futuro



comum, em harmonia. Levei a Israel esta mesma mensagem, a mensagem da urgência da paz. É mais do que chegada a hora de dar passos resolutos, corajosos, para deixar para trás mais de meio século de conflito, ódio e dor.

Por isso, o bloqueio à Gaza não pode continuar, o muro da separação deve vir abaixo. O mundo não suporta mais nenhum tipo de (incompreensível).

As restrições à circulação nos Territórios Ocupados precisam cessar. São milhares de famílias vivendo em condições indignas, são vidas truncadas, sonhos abortados.

A ampliação dos assentamentos também deve parar, sob pena de apagar, definitivamente, a chama da esperança.

A estabilidade no Oriente Médio interessa ao mundo todo, como dizia Eduardo Sayad. Dizia ele: “Não tenho paciência com a posição de que nós devemos nos preocupar única ou principalmente com o que é nosso. Todos somos responsáveis pelo nosso destino. Não é possível que o processo continue exclusivamente nas mãos dos mesmos. Décadas de fracassos geraram frustração, radicalizaram ânimos, acirraram suspeitas, tornaram a paz cada vez mais distante”.

Estou convencido de que a participação de novos atores na região poderá arejar negociações há muito estancadas. O Brasil está convencido de que pode contribuir para acelerar a chegada da paz.

Meus amigos,

A Palestina não realizará seu sonho se estiver desunida. O povo palestino precisa estar coeso em torno das soluções dos dois Estados. Duas nações livres e soberanas compartilhando fronteiras, mas também paz e segurança.

Sei da dificuldade de encontrar um denominador comum em meio a tantas aspirações e expectativas. No entanto, o que o povo sofrido da Palestina mais almeja e espera é o direito de ser representado por uma só voz na mesa de negociação. Uma voz firme e uníssona, mas também de equilíbrio e



moderação, que lute pelos direitos de todos os palestinos, mas que também respeite os de Israel.

Sem unidade não haverá vencedores, apenas perdedores. Os palestinos continuarão a ser um povo sem fronteiras, e Israel continuará a se sentir ameaçado dentro das suas.

Nada do que estou propondo é fácil. No entanto, são as lições dos meus tempos de líder sindical. Negociar significa não impor pré-condições, nem escolher com quem se quer conversar. Significa reconhecer que o ponto de vista do outro lado também precisa ser ouvido. Só assim há diálogo, só assim se construirão os consensos que fizeram o Brasil forte e próspero de hoje. Por isso, apoiamos as conversas de aproximação entre palestinos e israelenses, como forma de retomar o diálogo. Só fazem sentido, no entanto, se produzirem resultados claros a curto prazo. Não são, em si...

Não há paz duradoura sem o convencimento e o engajamento do povo. O Brasil está disposto a sediar encontros desses grupos de apoio à paz.

Caro companheiro Abbas,

Sonho com uma Palestina livre, democrática, próspera. Sonho com esta nação vivendo em harmonia com os povos irmãos do Oriente Médio.

Penso que palestinos e israelenses saberão compartilhar aqui, na sua terra ancestral, o espírito de convivência fraterna que levaram para o Brasil.

Este Brasil pacífico e confiante que eles ajudaram a construir, está aqui hoje para agradecer, retribuir e ajudar no que for necessário.

Muito obrigado.

_____ : em árabe

Presidente: Bem, primeiro, é para mim motivo de muita alegria estar visitando a Palestina. Eu, que acompanho a luta do povo palestino desde que comecei minha carreira política e construí, ao longo desses anos, uma amizade muito



forte com muitos representantes do povo palestino, estou muito feliz de estar aqui na Palestina.

E acho que essa viagem é o começo de uma nova era na relação entre o povo palestino e o Brasil, o Estado Palestino e o Brasil. Eu dizia ontem, na reunião empresarial, que certamente uma reunião com empresários nos Estados Unidos atrai muito mais empresários, se for na China atrai muito mais empresários, se for em um país economicamente já constituído atrai muito mais empresários. Mas eu dizia ontem que era a primeira de uma série de coisas que podem acontecer na relação Palestina e Brasil.

E eu estou convencido de que a possibilidade...

(interrupção do áudio)

...e que as casas possam ser construídas assim que terminar o acordo de paz. Aí, cada um vai construir quantas casas precisar construir. Eu tenho acompanhado o noticiário, o governo americano tem ficado nervoso com o que aconteceu, e eu espero, e senti isso do presidente Abbas, que tudo o que ele quer é negociar. Agora, é importante que a negociação se dê sem imposições.

Eu confesso a vocês que eu penso que também da parte da maioria do povo de Israel há essa vontade, há essa disposição. Vamos ver se a gente consegue. Nós esperamos que, o mais prontamente, se faça esse acordo para que a gente possa dar ao povo palestino a chance de ter o seu Estado, a sua economia e fazer valer o seu alto grau de conhecimento para o desenvolvimento do Estado palestino.

Jornalista: A minha pergunta é para o presidente Lula e para o presidente Abbas. Presidente Lula, o senhor mencionou necessidade de união do lado palestino. O senhor estaria disposto a conversar com o Hamas, também, em torno dessa união?



Presidente Abbas, o senhor considera que a interferência do Irã, o apoio do Irã ao Hamas é um obstáculo para a unidade da representação política palestina?

Presidente: Olhe, da minha parte, eu acho que o Brasil deve estar disposto a conversar com quem quer que seja, com quem quer que tenha importância na mesa de negociação, com quem quer que possa influir, para que a gente conclua o acordo de paz no Oriente Médio. Não existe força política, de direita ou de esquerda, que se puder ajudar, que o Brasil não tenha disposição de conversar. Até porque eu acredito que o acordo de paz exige que todas as forças envolvidas sejam ouvidas e participem do processo. Eu sei que não é uma coisa fácil. Se fosse fácil não estaríamos há tantos anos esperando esse acordo. Mas hoje, certamente, está mais fácil do que estava 20 anos atrás, está mais próximo.

Então, o Brasil estará disposto a ter todas as conversas necessárias.

(corte na gravação)

Presidente: Olhe, ontem, ou melhor... eu tive a oportunidade de conversar, em Israel, com o Presidente, com o Primeiro-Ministro, com o Presidente do Congresso, com a líder da oposição, com muitos empresários. E ontem eu tive uma reunião que eu considerei muito importante, para mim, pessoalmente, que foi uma reunião com as ONGs. Eu até tinha dito na reunião, ao Celso Amorim, que seria importante que a imprensa brasileira tivesse acesso às ONGs, para conversar. Duas ONGs coordenadas por israelenses e palestinos: os depoimentos extraordinários, a esperança extraordinária.

Eu sou otimista – para o jornalista que me fez a pergunta – e eu queria que o nosso intérprete traduzisse, *ipsis litteris*, para o nosso companheiro da imprensa saber que eu não acredito que exista, no mundo, um ser humano



mais otimista do que eu. Eu acredito na capacidade da relação humana, eu acredito que sempre estará faltando uma palavra ou um gesto e, por isso, eu acredito na paz entre o povo palestino e o povo israelense. Acredito, porque eu sinto que, com todas as pessoas que eu conversei, todos querem paz, todos querem paz. Tem coisas que precisam ser consertadas. Vai caber aos líderes políticos acertarem. O dado concreto é que o Brasil irá fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que a gente contribua para a paz.

De vez em quando acontecem coisas impossíveis, para um lado ou para o outro. O que menos... O que parecia impossível aconteceu: os Estados Unidos tendo divergência com Israel. Isso era uma coisa praticamente impossível e, quem sabe, essa divergência era a coisa mágica que faltava para que se chegasse ao acordo.

Eu, de vez em quando, Presidente, acredito que uma desavença inesperada entre dois aliados pode ser a chave do sucesso do acordo que precisa ser construído.

Confesso que saio da Palestina, vou para a Jordânia, amanhã volto ao Brasil, e volto mais otimista do que cheguei aqui.

(\$31FGJLMQ)